



Hernâni Bettencourt*

Becos políticos

I

O ainda líder do PSD, Luís Montenegro, está a ver o chão a fugir debaixo dos seus pés. As sondagens tardam em refletir o que ele pretende; o Chega está sempre presente e o PS, com a perspicácia política que todos reconhecem a António Costa, deixou há muito o PSD à deriva. O PSD ficou, ou melhor, deixou-se ficar sem bandeiras políticas. Ao PSD resta, como se faz no futebol em desespero, o “chutão para a área”. Refiro-me, traduzindo para a política, ao prometer tudo a todos. E, como se dizia e acusava o antigo PS, quem vier atrás que feche a porta.

Ora, como está mais do que provado, os eleitores já não vão em cantos de sereias. Ninguém leva a sério o atirar de dinheiro para todos os problemas. O dinheiro, ao contrário da lata, é finito. Custa-me ver, nos dias de hoje, alguém com décadas de política apostar nesta esgotada tática.

A juntar a isto, que já seria suficiente, Montenegro ainda tem de viver, permanentemente, com dois fantasmas. Mas fantasmas reais. Um deles é o atual alcaide de Lisboa e o outro, como todos sabem, é Pedro Passos Coelho. Montenegro está a conduzir um grande carro, em notórias dificuldades, numa pista muito sinuosa, e ainda sabe que nas boxes estão dois pilotos, com outras mãos, prontos a pegar no bólide.

Não é, de facto, a mais apetecível das missões. Acredito, por isso, que Montenegro deve estar a contar os dias para as eleições europeias. A forma de chegada a essa meta é decisiva. Montenegro sabe que che-

gar em primeiro não será suficiente. Uma vitória por pouquinho significará, uns meses depois, a substituição do condutor. Uma derrota significará, na hora, a retirada do capacete e das luvas. Resta-lhe, por isso, uma vitória com assinalável folga para o segundo carro e, se possível, que o carro do Chega não cruze a meta com mais do que piloto e copiloto (2 mandatos). Conseguirá, Montenegro, sair deste beco?

II

O Chega/Açores tem, espalhado por aí, um cartaz que me fez sorrir. A mensagem é interessante e até tem uma ponta de verdade. A bola está do lado do deputado José Pacheco. O próximo orçamento regional é o momento ideal para “apertar com eles”. Teremos Homem para isso? Ou vem aí o voto habitual em troca de mais um gabinete, uns carros para os bombeiros e outras “exigências” de idêntico teor?

O Chega é o único partido, sem querer tirar o negócio aos novos “zandingas” da praça, com crescimento garantido. 3 ou 4 deputados é a aposta que está a correr por aí. E vamos a ver se ficará nesse pátamar...

Por isso, o beco do Chega é outro. Muito próprio. Mas é um beco, uma vez que os próprios não querem contribuir para a abertura de uma saída... Oh, Pacheco! Aperta com eles!!! Seja isso o que for...

*Jurista



António Simas Santos

Israel

Ironicamente, já tinha iniciado esta crónica, que pretendia escrever há bastante tempo, quando tive conhecimento da invasão pelo Hamas, do sul de Israel. Naturalmente que esse não teria sido o tema central.

Contudo, o que aconteceu neste fatídico dia 7 de outubro de 2023, foi uma das muitas coisas que poderia ter acontecido, e aconteceu, como consequência da caminhada, populista e ditatorial, do actual governo de Israel. Com as devidas distâncias e proporções, o Bibi Netanyahu é o André Ventura lá do sítio, com mais traquejo.

Netanyahu é, desde há muito, um sobrevivente político tentando escapar, de todos os modos e feitos, ao julgamento das acções de corrupção de que é acusado. Tendo conseguido dominar inteiramente o seu partido Likud, que tornou no seu fiel escudeiro, não hesitou em coligar-se com toda a extrema-direita ortodoxa.

Desde a formação do actual governo que cerca de meio milhão de manifestantes se reúnem, todos os sábados em Telavive e nas principais cidades do país. Tentando impedir um verdadeiro golpe de estado palaciano que, a ser perpetrado, iria reduzir a única democracia do Médio Oriente, a mais uma teocracia.

Como a Israel faltam uma Constituição, uma câmara alta do Parlamento, um sistema federal, ou qualquer outro controlo do poder governamental, resta apenas – o Supremo Tribunal. Tribunal cuja independência tem garantido, desde a independência, a democracia, ao estabelecer os limites do governo e do próprio Knesset (parlamento israelita).

E é, precisamente, esse único travão a uma ditadura que Bibi, o seu partido e extrema-direita religiosa querem abolir. E é essa, por outro lado, a razão por que essas manifestações dos sábados, nunca vistas, acontecem: uma luta fortíssima contra a abolição dos poderes do Supremo Tribunal e consequente roda livre para a ditadura.

A agenda política do governo é conhecida. Para os ideólogos do Likud, democracia é a ditadura da maioria, e que quem vence eleições democráticas recebe automati-

camente um poder ilimitado. Os apoiantes partidários de Netanyahu genuinamente acreditam que qualquer restrição a um Governo eleito é algo antidemocrático. Acham que, ganhando as eleições deveriam poder fazer tudo o que quiserem.

A coligação no poder é liderada por fanáticos religiosos messiânicos, que acreditam numa ideologia de supremacia judaica. Esta ideologia apela à anexação dos territórios palestinianos ocupados por parte de Israel sem garantir a cidadania aos palestinianos, e sonha em destruir o conjunto da Mesquita de Al-Aqsa (um dos locais mais sagrados do Islão) e construir um novo templo judaico em sua substituição. A supremacia judaica não é uma ideia marginal. Está representada na coligação pelo partido Poder Judaico (Shas) e pelo Partido do Sionismo Religioso.

Ao fomentar a expansão dos colonatos na Cisjordânia, a sua protecção e financiamento e ao hostilizar, progressivamente, os muçulmanos israelitas, o governo fomentou, ainda mais, o caldinho que conduziu e este acto de terrorismo tresloucado e inteiramente criminoso que, em nenhum caso, tem qualquer atenuante. O Hamas não passa de um grupo terrorista que controla, a ferro e fogo, Gaza e não representa ninguém, para além da sua nomenclatura de demenciados assassinos.

Custa muito ver, a única democracia num mar de ditaduras, ser destruída por dentro. Custa ver um país de tão alto gabarito cultural, científico e tecnológico e com um terrível passado de opressão e morte estar a resvalar para se tornar em mais uma teocracia medieval e obscurantista. E que sejam os ultraortodoxos (verdadeiras fábricas de fazer meninos) e que, ainda por cima, não vão à tropa, a tomar as rédeas do poder num país que não percebeu uma estratégia tão primária.

Deixo a todas as famílias enlutadas e ao estado de Israel o meu mais profundo pesar fazendo votos para a grande nação que nasceu do holocausto seja capaz de honrar, mais uma vez, os seus pais fundadores e a ideologia fraterna e de cooperação que esteve na sua origem e que foi capaz de fazer de um território tão hostil, um grande país.